

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA PANDEMIA DO COVID-19: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO BÁSICO

Prof^a. Esp. Bruna Vasconcelos de Santana¹
Prof^a. Dr^a. Laureci Ferreira da Silva²
Profa. Esp. Marilene Sacramento Miranda³

RESUMO

Este texto tem por objetivo discutir os desafios enfrentados pelos (as) docentes, em especial as professoras de Língua Portuguesa (LP) durante o ensino remoto, por meio de um relato de experiência de uma das autoras deste artigo com as contribuições das coautoras ressaltando, sobretudo, as dificuldades para ensinar LP durante o isolamento social, uma vez que o ensino emergencial surgiu como a alternativa mais adequada para o momento, mas ele chegou carregado de desafios que representam uma caminhada árdua para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Para realizar este estudo optamos pela pesquisa de caráter etnográfico para descrever e discutir sobre o desenvolvimento das competências e habilidades basilares dessa disciplina que estão sendo desenvolvidas nesse tipo de remoto. Para tanto, acompanhamos de março a maio o ensino remoto numa turma do 9º ano na Escola de Primeiro Grau Jesus Cristo-(EJC). Ao final desse período, concluímos que é necessário continuar buscando caminhos para que alcancemos o objetivo do ensino de LP que é formar pessoas críticas que sejam capazes de identificar e interagir com diversos gêneros textuais que circulam socialmente e participar com sucesso da vida do bairro, da sociedade e do país.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Língua Portuguesa; Desafios.

ABSTRACT

This text aims to discuss the challenges faced by teachers, especially Portuguese Language (LP) teachers during remote education, through an experience report of one of the authors of this article with the contributions of the co-authors highlighting, above all, the difficulties in teaching LP during social isolation, since emergency education emerged as the most suitable alternative for the moment, but it arrived loaded with challenges that represent an arduous journey for everyone involved in the teaching-learning process. To carry out this study, we opted for ethnographic research to describe and discuss the development of the basic skills and abilities of this discipline that are being developed in this type of remote. For this purpose, from March to May, we monitor remote teaching in a 9th grade class at Escola de Primeiro Degree Jesus Cristo (EJC). At the end of this period, we concluded that it is necessary to continue looking for ways to reach the goal of LP teaching, which is to train critical people who are able to identify and interact with various textual genres that circulate socially and successfully participate in neighborhood life, society and the country.

Keywords: Remote Learning; Portuguese language; Challenges.

¹ Professora de Língua portuguesa há 21 anos, atualmente supervisora do PIBID/LETRAS1, programa financiado pela CAPES. E-mail: brunavsantana@gmail.com

² Aluna do curso de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG). E-mail: jau.narede@hotmail.com

³ E-mail: ikasacramento@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência de três professoras de LP na sala de aula de uma turma do 9º ano na Escola de Primeiro Grau Jesus Cristo-EJC utilizando as ferramentas digitais presente nas aulas e compondo essa nova fase da aprendizagem que requer um conjunto dos saberes e fazeres pedagógicos para ministrar as aulas remotas on-line de uma sala virtual.

Nos dias atuais, temos como parâmetro um olhar diferenciado para as concepções da aprendizagem, dentre eles podemos citar a abrupta necessidade de incluir a tecnologia digital na aprendizagem dos estudantes e a partir disso reverenciando os Multiletramentos e as tecnologias no seu cotidiano. O que sempre foi um impasse e um distanciamento inegável na educação pública.

Vale ressaltar que, estes novos letramentos trazem na sua bagagem uma mudança significativa no que se refere aos espaços de informação e às ferramentas de comunicação, na relação do professor com sua sala de aula e do estudante com a sua aprendizagem. Podemos ainda destacar neste quadro, a responsabilidade assumida pelo professor, diante de uma geração y, conectada e ambientada com a interatividade a partir dos chats, páginas, post, Facebook, Instagram, mas que não domina as inscrições básicas para a aprendizagem como e-mail, aprendizagem digital, apresentações por slides, textos em sua multissemiótica, possibilidades hipertextuais, hipermediáticas e multimidiática do texto eletrônico.

Para tanto, com o propósito de desenvolver estratégias de ensino de leitura considerando os contextos de uso da escrita dos sujeitos que constituíam a sala de aula. E diante de um panorama de distanciamento social, arrebatando consequências e experiências inesquecíveis na vida destes adolescentes, traçamos uma discussão sobre as emoções presentes neste ano de pandemia, no caso 2020 e distantes de qualquer possibilidade de educação remota. Para um ano de 2021 com um retorno atropelado pela inserção obrigatória da tecnologia digital no ensino público.

Ainda nesta vertente de emoções, surge em meados de maio do ano em curso, uma possível possibilidade de retorno presencial às aulas, passando para o ensino híbrido, surge então, uma nova onda de emoção, então passamos a discutir sobre essa nova possibilidade que veio através de júri simulado em sala.

Diante desses fatos, recorreremos aos estudos de Street (1984) porque ele defende que é preciso ter um olhar reflexivo sobre o nosso tratamento, como professor/observador das nossas

práticas de ensino/aprendizagem que muitas vezes nos leva a segmentar e rotular os grupos unificando-os no conhecimento. Para dialogar com essa ideia trouxemos Rojo (2013), visto que ela define as novas segmentações da contemporaneidade a partir de construções colaborativas, e Bakhtin (2003) porque admite que a transcendência do dialogismo é fonte inesgotável da dualidade do contexto.

Entre os diversos procedimentos metodológicos o mais adequado para realização deste é a etnografia porque vamos descrever para realizar uma discussão sobre um estudo realizado no âmbito escolar apesar das aulas serem remotas.

Assim sendo, apresentamos o artigo em três momentos: o primeiro, em que faço uma discussão sobre o uso da etnografia na educação e sua relevância para este estudo, segundo apresentamos os pressupostos teóricos voltados e por fim o que a pesquisa revelou.

2 PRESSUPOSTOS TEORICOS

No primeiro momento vamos nos ambientar com alguns conceitos e falar sobre Multiletramentos, frente a necessidade apresentada no contexto atual de ensino aprendizagem e que levam em consideração os sujeitos presentes na vivência das aulas.

Vamos iniciar nossa discussão a partir do que apresenta a BNCC quanto as abordagens linguística, metalinguística e reflexiva que é a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade como podemos verificar no trecho a seguir:

Vários são os gêneros possíveis de serem contemplados em atividades de leitura e produção de textos para além dos já trabalhados nos anos iniciais do ensino fundamental [...] reportagem multimidiática, fotorreportagem, foto-denúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, vlog noticioso, vlog cultural, meme, charge, charge digital, political remix, anúncio publicitário, propaganda, jingle, spot, dentre outros. A referência geral é que, em cada ano, contemplem-se gêneros que lidem com informação, opinião e apreciação, gêneros mais típicos dos letramentos da letra e do impresso e gêneros multissemióticos e hipermidiáticas, próprios da cultura digital e das culturas juvenis. (BRASIL, 2018, p.143)

Em consonância com a nova realidade imposta a partir da implantação do ensino remoto diante das circunstâncias evidenciadas pela COVID -19 o que nos faz compreender as possibilidades colaborativas que se revelam nesta modalidade de ensino.

Segundo Bakhtin (2003), a perspectiva dialógica da linguagem traz como concepção o sujeito, seus discursos e suas vozes conectados aos vários gêneros que circulam nas esferas

sociais. O que resvala, na compreensão de uma possibilidade do inacabado com uma concepção de liberdade de conexão na comunicação.

De acordo a concepção de Rojo, a possibilidade se expande ainda mais, a partir de novas perspectivas teóricas, refere-se ao híbrido com a imposição dos novos letramentos, novos contextos e novos conceitos, tais como mídia, multimídia, texto, hipertexto dentre outros, o que traz uma expectativa diferenciada em cada conceito para assim coadunar com o dialogismo de Bakhtin (2003).

Conforme Santaella (2007), a multimodalidade transcende as possibilidades que estão presentes, o multimodal consegue extrair múltiplas representações, o que a autora intitula como “caldeirão de misturas e hibridações”, podemos compreender que surgem novas contextualizações de pensamentos, palavras e ações.

A partir destas conjecturas podemos ainda entender que os novos ambientes virtuais tem como característica fundamental a interação e a aprendizagem colaborativa o que se assemelha diretamente ao pressuposto da aprendizagem na escola, afinal não se trata apenas de um sujeito no ambiente virtual mas sim, de uma comunidade capaz de despertar competências e autonomias na aprendizagem como um todo, demonstrando através da multimodalidade os vários discursos explícitos e implícitos nas entrelinhas da intencionalidade, bem como um sujeito capaz de demarcar seu ponto de vista organizado e preparado para uma defesa ativa do seu posicionamento.

2.1 O SABER E A PRÁTICA EDUCACIONAL POR CHARLOT

A partir do conceito a seguir firmado por Charlot (2013) faremos uma breve reflexão sobre o contexto atual, no qual o professor está sensivelmente pressionado a resolver parte ou grande parte de um problema que merece muito mais atenção do que o mostrado. Referimo-nos as aulas remotas on-line. Este estudioso afirma que:

ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade da experiência, indagação teórica e criatividade para fazer frente às situações únicas, ambíguas, incertas, conflituosas e por vezes violentas, das situações, por vezes violentas, das situações de ensino, nos contextos escolares e não escolares (CHARLOT, 2013, p.15)

Este autor apresenta assegura que para que haja transformação na educação é preciso que a mudança parte da segmentação governamental e ele ainda aborda uma real contradição

entre o querer da sociedade globalizada que tem no saber um recurso econômico, mas exige na sua composição pessoas instruídas através da educação escolar.

A forma estabilizada no século XVII, cujos conteúdos se sedimentaram no fim do século XIX e no início de século XX [...] as novas tecnologias de divulgação da informação deveriam levar uma redefinição dos conteúdos e das formas transmissão, de avaliação e de organização escolar. Não é isso, porém, que está acontecendo, transpondo a educação como mercadoria escolar de rentabilidade no mercado de emprego e nas posições sociais. (CHARLOT, 2013, p 60).

Outro ponto que merece destaque é a preparação na escola para as mudanças necessárias, no que diz respeito a novidade da tecnologia digital inserida nos ambientes escolares da educação pública e Charlot (2013, p. 128) legitima esse ponto de vista quando faz a abordagem sobre “o universalismo e a especificidade da escola que são legítimos à medida que contribuem para esclarecer o mundo particular da criança singular e amplia-lo”.

Ele destaca ainda as relações de poder implícitas que se constituem na escola trazendo para a realidade uma relação de individualização e individualismo. O que concerne em dois aspectos diferentes, mas que se entrecruzam quando temos na escola o parâmetro da evolução social e cultural subjugadas em sistema que horizontaliza saberes, práticas e conhecimentos.

Para tanto, desenvolver atividades que reflitam na aprendizagem do ser integral que é o estudante, possibilita neste aspecto ter a certeza da contribuição significativa que representa a escola, assim como, desmistifica a aprendizagem apenas pelos aspectos cognitivos prevalecendo então, a especificidade na integralidade de cada um, de cada sujeito social daquele espaço escolar.

3 ETNOGRAFIA ESCOLAR: UMA VIVÊNCIA DO ENSINO REMOTO

A opção pela pesquisa do tipo etnográfica deve-se ao fato de que o fenômeno estudado tem como eixo central as vivências dos (as) estudantes (as) do 9º ano da Escola de Primeiro Grau Jesus Cristo com o ensino remoto. E porque este procedimento metodológico possibilita as professoras pesquisadoras refletirem sobre os significados que os educandos atribuem ao ensino remoto e as atividades que praticam e como esses significados se manifestam e passam a compor o universo cultural desses indivíduos.

Em vista dessa ideia, cabe esclarecer que a etnografia veio da antropologia para diversas áreas, como a sociologia e a educação. No entanto, em sua origem estudava as culturas remotas em seu caráter de não-familiaridade, mas hoje ela inicia sua pesquisa por perto, a fim de

desvendar alguns aspectos de algo que nos parece familiar (FLICK, 2009; GOELLNER et al., 2010).

Desde o início da década de 1970 que os pesquisadores da área da Educação fazem uso da etnografia (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Neste estudo, as professoras pesquisadoras estão buscam entender os fenômenos educacionais ‘de dentro’ com a pretensão de explicar a realidade do ponto de vista dos (as) estudantes e das docentes que participam dessa experiência. Assim sendo, a etnografia, nesse trabalho, deve contribuir para descoberta da complexidade dos fenômenos educacionais ocorridos no ensino remoto, possibilitando, assim o conhecimento real dos fenômenos surgidos durante as aulas remotas para incentivar o aprofundamento dos estudos sobre esse tipo de ensino e tomadas de decisão (ESTEBAN, 2010).

3.1 O CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA: QUEM SÃO PARTICIPANTES DO PROCESSO FORMATIVO

Este estudo foi realizado com estudantes da Escola de Primeiro Grau Jesus Cristo que fica situada dentro da mansão do Caminho, no Centro Espírita Cruz da Redenção, que atende hoje 1.100 alunos, distribuídos em 30 classes de ensino fundamental, do 1º ao 9º ano.

Os participantes dessa experiência com ensino remoto moradores dos bairros de Pau da Lima, São Marcos, Vila Canária, Castelo Branco, dentre outros, estes são bairros periféricos da cidade de Salvador-BA e estão na faixa etária de 06 aos 16 anos, parte deles vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Essa comunidade escolar tem um diferencial em relação as demais unidades escolares de Salvador a maioria dos (as) estudantes iniciam suas atividades pedagógicas, neste espaço desde os três meses de idade e prosseguem na sua vida escolar até o 9º ano.

3.1.1 Como tudo aconteceu: um relato de experiência

Diante de todo o contexto vivenciado no mundo pelo vírus do COVID -19, que provocou o distanciamento social, e conseqüentemente as atividades consideradas não essenciais em 2020 foram suspensas e entre elas as aulas presenciais. Em 2021 as atividades escolares foram retomadas forma remota on-line.

A primeira atividade realizada remotamente foi o planejamento do trabalho que neste momento de reencontro com a comunidade escolar, precisava seguir uma estratégia de

conquista virtual. Este planejamento teve como objetivo observar as reações dos estudantes com esse tipo de aula.

Considerando o planejamento no primeiro dia de ensino remoto com os (as) estudantes foi realizada com o 9º ano, um trabalho voltado para as emoções priorizando a escuta, desde o que eles entendiam por elas, seu conceito basilar ou do senso comum, bem como entender como e porque elas foram tão importantes neste período de isolamento e distanciamento social.

A partir dos resultados desta escuta, nós desenvolvemos uma sequência didática com ênfase na produção do gênero do discurso oral, apoiada nos estudos de Schneuwly porque ele afirma que papel da escola ensinar os (as) estudantes usar o discurso oral nas diversas possibilidades de comunicação que lhe for apresentada. Esse ponto de vista ratifica a base do nosso posicionamento frente a essa situação específica de ensino remoto.

Tomando como referência os estudos mencionados neste texto foi que desenvolvemos as atividades descritas a seguir: inicialmente exibimos o filme de animação de comédia dramática “Divertida Mente” de Pete Docter e Ronaldo Del Carmem, porque trata da construção das relações a partir de emoções básicas: Alegria, Tristeza, Nojo, Medo e Raiva.

Em seguida, houve uma discussão sobre o filme que foi norteadada pela emoção que cada aluno julgou mais importante para ele no filme e estes fizeram uma sincronia com a sua relação junto a esta emoção, a vertente principal foi possibilitar a ideia do imaginário social do qual eles fazem parte, de modo a torná-los sujeitos desse processo de compreensão de suas relações.

Em outro momento, trouxemos para aula remota, situações relacionadas à escola que poderiam e deveriam atingir diretamente a todos eles. A partir das situações apresentadas surgiu a discussão sobre o retorno às aulas presenciais, com as seguintes perguntas:

(P) “Quais emoções se fazem presente, quando o assunto é retorno às aulas presenciais?”

(A) Medo, Angústia, Felicidade, Ansiedade, Esperança dentre outras.

(P) Alguém retornaria para as aulas na escola no segundo semestre?”

(A) Sim, Não e Não sei.

A partir destas respostas começamos a averiguar, quais motivos os levaram os (as) estudantes darem essas respostas, e diante das respostas vagas, nos preparamos para a próxima etapa que foi propor aos educandos a realização de um júri simulado. Eles aceitaram participar. Em seguida, dividimos a turma em três grupos, de acordo com as respostas da segunda pergunta:

Grupo A: favor ao retorno às aulas presenciais.

Grupo B: Contra o retorno às aulas presenciais.

Grupo C: Jurados.

Depois dessa organização estabelecemos algumas regras para o momento da realização do júri simulado. Os dois grupos distintos sobre o retorno às aulas presenciais deveriam elaborar um argumento e para tanto, precisavam pesquisar (gráfico, artigo, publicação legalizada, pesquisa, infográfico, dentre outros), que ratificasse o seu posicionamento e por fim, explicasse a situação de forma convincentes para os jurados. Os jurados, por sua vez, deveriam anotar os itens apresentados pelos dois grupos durante a exposição dos argumentos: Argumentação, Comprovação e Explicação plausível.

Como resultado das apresentações tivemos a demonstração de um verdadeiro copilado de situações apresentadas advindas do sentimento relacionado ao retorno às aulas presenciais, como podemos verificar a seguir, equipe contra o retorno às aulas presenciais:

*“Crianças são assintomáticas podendo contaminar em massa”,
 “Vacinas não são 100% eficazes”,
 “A estrutura das escolas, sem preparo para receber as pessoas,
 Aumento no fluxo de pessoas a partir do início das aulas”,
 “Outras doenças começam a circular: gripe, dengue, chikungunya”,
 “Jovens que frequentam as festas clandestinas, levam o vírus para escola”,
 “Não tem vacina para os adolescentes”*

A equipe que defendeu o retorno às aulas presenciais

*“A família atrapalha o estudo em casa”,
 “O excesso a exposição da tela de celular ou computador causo doenças nas vistas: Síndrome visual e ressecamento dos olhos”,
 A vacina já foi aplicada aos trabalhadores em educação e o uso das medidas preventivas”,
 “O número de casos de violência contra crianças aumentou”,
 “as crianças perderam o interesse pelo estudo”,
 “A tecnologia digital não é para todos, e por isso muitos estão fora deste eixo de aula”,
 “Existe uma sobrecarga nas mulheres, que além da responsabilidade em cuidar da casa, da família, agora tem que dar conta do estudo das crianças”.*

Os resultados das apresentações apontam que o contexto com as tecnologias digitais nos auxiliaram para uma nova etapa na construção do conhecimento na escola. Os instrumentos tecnológicos digitais nos auxiliaram para ensinar os estudantes ao uso consciente, a formatação

de uma pesquisa, a preparação de um discurso crítico, com base na sua argumentação previamente estabelecida, o que trouxe várias possibilidades para que uma geração que tem uma escola pautada no século XIX, se mostre a frente desta informatização.

Ficou evidente que se faz necessário o ensino das estratégias da oralidade, como fator preponderante na escola, pois como pode ser verificado mesmo nessa nova maneira de ensinar e aprender os estudantes pesquisaram e se organizaram para realizar a atividade proposta pela professora. Elaboram os argumentos pertinentes ao assunto em pauta, posicionaram-se.

Vale ressaltar que todos os instrumentos navegáveis desde a preparação das aulas, até a apresentação e pesquisa dos alunos, foi com recursos próprios dos discentes e docentes. Ressalto que estamos vivenciando uma nova era do ensino aprendizagem, considerando os sujeitos autônomos dos seus interesses e suas conquistas educacionais. Com a essência principal surgindo da necessidade de buscar novas leituras, práticas e saberes que impulsionam o profissional para o despertar para novas formas de planejar as suas aulas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E que mesmo em tempos de pandemia as tecnologias digitais não nos distanciam da aprendizagem significativa como pode ser constatado nesse relato de experiência. No entanto, isso não quer dizer que são todas as atividades que dão resultado positivo. Essa foi uma das que funcionou e nós pudemos perceber que houve aprendizagem.

Foi possível perceber que os (as) estudantes estão ampliando as habilidades de leitura e produção de texto oral e escrita além disso, desenvolveram outras habilidades como pesquisar, planejar o discurso oral, monitorar a fala considerando o contexto de uso da língua.

Cabe destacar que este é um processo de autoformação e formação dos (as) professores (as) porque estamos ao mesmo tempo aprendendo e ensinando. Assim como os (as) estudantes nós temos que estudar e criar estratégias de ensino para garantir o direito de aprender.

É importante esclarecer que apesar dos resultados obtidos com essa sequência de atividades não podemos deixar de reconhecer as dificuldades trazidas pelo ensino remoto porque ainda encontramos muitas dificuldades para dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem considerando professores e alunos distantes fisicamente e a pressão a que todos envolvidos vivenciam no dia a dia do ano letivo. Ainda temos diversos desafios para a consolidação do ensino remoto.

Sendo assim, ao analisar este estudo foi possível constatar que ensinar a Língua Portuguesa tem sido um grande impasse para os (as) professores dessa disciplina porque assim como os (as) alunos (as) precisam lidar com suas incertezas, inseguranças e ainda conciliar a arte de ensinar com a necessidade de se reinventar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.**

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Trad. Maria Ermantina. Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo, 2003.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas.** 1 ed. São Paulo. Cortez, 2013.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

FLICK, L. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, p. 58-78, 1999.

GOELLNER, S. V. et al. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física (UEM)**, v. 21, n. 3, p. 381-410, 2010.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

ROJO, R (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo. Paulus, 2007.

STREET, B. **Literacy in theory and practice.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.